

>
lhas,
co-criação de Gonçalo
Alegria, Joana Craveiro,
Simon Frankel
e Tânia Guerreiro,
dir. Joana Craveiro,
Teatro do Vestido, 2011
(Gonçalo Alegria,
Joana Craveiro,
Simon Frankel
e Tânia Guerreiro),
fot. Filipe Dâmaso Saraiva.



Maneiras de conhecer o presente

João Carneiro

1.

Quando visitamos um teatro grego – um teatro da Grécia antiga, como ainda existem na Grécia, e como existem, magníficos, na Sicília, por exemplo – somos confrontados com alguns traços evidentes: a relação de visibilidade do espaço de representação relativamente ao público, apesar de os teatros serem feitos para muita gente; quer dizer, as pessoas, o público, podem sempre ver aquilo para que ali se deslocaram, o espectáculo. Outro traço importante tem a ver com a localização: sendo o teatro um lugar de representação e de construção de artificios, ele está quase sempre situado de tal forma que a natureza à volta esteja também presente. O natural e o artificial estão, assim, íntima, indissociavelmente ligados, são diferenças cruciais que fazem, contudo, parte de um único mundo.

2.

Há pouco tempo procurava, num grande museu de uma capital europeia, um pequeno conjunto de quadros. Foi difícil encontrá-los, por entre os milhares de outros quadros semi-desorganizados por causa de obras no edifício. Esta caça ao tesouro teve como consequência deparar-me com uma série de outras pinturas, entre as quais alguns quadros dos irmãos Le Nain, pinturas da primeira metade do século XVII. Tratava-se de alguns quadros rústicos, sobre famílias de camponeses, pobres, evidentemente. Os detalhes são impressionantes: os pés descalços das crianças, as toalhas sujas, os utensílios de um interior camponês, um gato que espreita, as expressões das pessoas e, mais do que tudo, a expressão de um pequeno cão, num canto de um dos quadros. Pensei aquilo que toda a gente pensaria, julgo eu: que extraordinário poder de observação; que extraordinário

poder de composição; que extraordinário poder de reelaboração do real; que trabalho extraordinário de e sobre a memória.

3.

Para escrever este texto consultei o *site* do Teatro do Vestido na internet. Fiz uma lista com algumas das palavras e das frases que nele li: crise, oportunidade; memórias; crianças; abrir a nossa casa, acolher os sem casa; comunidade, cidade; deriva; cartografia emocional; laboratório, catalogação, autobiografia, presente imediato; celebração; universo das crianças, mundo dos adultos; chegadas, partidas; em casa, fora de casa; livros, textos, fotografias.

Esta lista pareceu-me indicar aquilo que o Teatro do Vestido é para mim, que não vi muitos dos seus espectáculos, mas que fiquei marcado desde que os vi pela primeira vez: um conjunto de pessoas que faz espectáculos sobre a cidade e para a cidade, que preserva memórias porque tem consciência da importância da memória, que vê, lê, ouve e interpreta o mundo em geral para o transformar e para a ele regressar. Por isso, e para além da lista de palavras, aquilo que com mais força me ocorreu, para falar do Teatro do Vestido, foram os teatros gregos e os quadros dos camponeses de Le Nain. As obras sugerem outras obras, e assim nos vamos, também, relacionando com as pessoas. Podem ser coisas de um outro tempo, de cidades e dos campos, que nos interpelam contudo com uma força, hoje, que por vezes é quase brutal, e que é uma das maneiras mais perfeitas de tentar conhecer o presente.